

APLICABILIDADE CLÍNICA DA DOSAGEM DE SORO AMILOIDE A NO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE DOENÇAS EM GATOS

Nadine Cristiane HENZ¹; Fernanda de Souza Bueno FERREIRA²; Tatiane LUSA³; Simone de Fátima Rauber WÜRFEL³.

Palavras-chave: Felino; Proteína de fase aguda; Inflamação.

O processo inflamatório é um mecanismo de defesa natural do organismo, sendo a resposta sistêmica a esse processo denominada Resposta de Fase Aguda (RFA), a qual inicia-se após a ocorrência de lesões, traumas, infecções, dentre outros agravos à saúde, por estímulos locais ou sistêmicos. A RFA objetiva eliminar agentes infecciosos, limitar lesões e ativar o processo de reparação tecidual, com retorno às funções normais. Durante essa resposta, ocorrem variações nas concentrações plasmáticas das chamadas proteínas da fase aguda (PFAs), que são componentes da resposta imune inata envolvidas na restauração da homeostase, que antecedem o desenvolvimento da resposta imune adquirida. A Soro Amiloide A (SAA) consiste em uma apolipoproteína de alta densidade, sendo uma das principais PFAs de resposta maior em gatos, a qual eleva-se rapidamente após estímulos inflamatórios e/ou infecciosos. Assim, é considerada um biomarcador para diagnóstico precoce e monitoramento de diversas condições inflamatórias na espécie. Diante do exposto, este estudo teve como objetivo analisar a aplicabilidade clínica da dosagem de SAA no diagnóstico precoce de doenças em gatos. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica embasada em artigos científicos obtidos nas bases de dados *online* PubMed e SciELO utilizando as palavras-chave: “proteínas de fase aguda” e “soro amiloide A” em gatos. As PFAs são utilizadas na identificação de inflamações subclínicas, sendo a SAA capaz de elevar-se de 100 a 1000 vezes em condições inflamatórias, atuando no recrutamento quimiotático das células inflamatórias aos tecidos, na eliminação de radicais livres e na proteção celular. Também pode desempenhar um efeito negativo, inibindo a liberação de mieloperoxidase, a proliferação de linfócitos e a migração de fagócitos. Uma das grandes vantagens do uso da SAA é a possibilidade de identificar inflamações antes da ocorrência de alterações em leucograma. Somado a isso, possui menor interferência de estímulos fisiológicos que recrutam leucócitos marginais, sendo de maior sensibilidade no diagnóstico de afecções subclínicas devido ao aumento considerável nos níveis séricos cerca de 3-6 horas após estímulo. Concentrações aumentadas de SAA são observadas em infecções do trato respiratório superior, pneumonia, piometra, peritonite infecciosa felina, pancreatite, gengivoestomatite, cetoacidose, doença renal crônica, doença do trato urinário inferior, gastroenterite, alterações hepáticas, doenças imunomediadas, diabetes, câncer, lesões teciduais e determinados tumores. Portanto, é considerada um marcador pouco específico, pois altos níveis séricos de SAA podem ser detectados em uma variedade de patologias de origem inflamatória, não inflamatória e neoplásica. Além disso, os dados que quantificam o intervalo de referência em gatos saudáveis para a avaliação da magnitude do seu aumento são limitados e demonstram variações individuais na espécie. Em conclusão, embora a SAA seja frequentemente descrita como um importante biomarcador precoce de atividade inflamatória, assim como no acompanhamento de doenças e avaliação de resposta ao tratamento devido a sua sensibilidade e amplitude de resposta, é pouco específica. Deste modo, a ocorrência de alterações nos níveis séricos de SAA pode ser útil no diagnóstico precoce de doenças em gatos, porém deve ser analisada juntamente com outros achados clínicos e laboratoriais.

¹Graduanda do Curso de Medicina Veterinária, Unidade Central de Educação Faem Faculdade - UCEFF Chapecó. Email para correspondência: nadinechenz@outlook.com

²Médica Veterinária, Mestranda em Ciências Veterinárias, Universidade Federal do Paraná – UFPR.

³Docente do Curso de Medicina Veterinária, Unidade Central de Educação Faem Faculdade - UCEFF Chapecó.

Referências bibliográficas:

CERÓN, L. L.; ECKERSALL, P. D.; MARTÍNEZ-SUBIELA S. Acute phase proteins in dogs and cats: current knowledge and future perspectives. **Veterinary Clinical Pathology**, v. 34, n. 2, p. 85-99, 2005.

MARTÍNEZ-SUBIELA, S.; PARRA, N. D., CERÓN, J. J. Principales aplicaciones de las proteínas de fase aguda em la clínica canina. **Anales de Veterinaria da Murcia**, v. 20, p. 75-86, 2004.

ROSA, R. M.; PEREIRA MESTRINHO, L. A. P. Acute phase proteins in cats. **Ciência Rural**, v. 49, n. 4, e20180790, 2019.

ROSSI, G. Acute phase proteins in cats: Diagnostic and prognostic role, future directions, and analytical challenges. **Veterinary Clinical Pathology**, v. 0, p. 1-13, 2023.

TUNA, G. E.; ULUTAS, B. Investigation of acute-phase protein concentrations in healthy and various diseased cats. **Polish Journal of Veterinary Sciences**, v. 25, n. 4, 589–597, 2022.